

# Já me transformei em imagem: Apropriações indígenas da tecnologia no coletivo Vídeo nas Aldeias

*I already became an image:  
Indigenous appropriations of technology  
in the collective Vídeo nas Aldeias*

THAIS GOMES DA SILVA\*

Artigo completo submetido a 26 de janeiro de 2017 e aprovado a 5 de fevereiro 2017.

\*Brasil. artista visual, professora e pesquisadora. Licenciatura plena em Artes Visuais  
– Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

AFILIAÇÃO: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, CLC – Centro de Linguagem e Comunicação; Programa de Pós-graduação em Linguagem, Mídia e Arte. Campus I – Prédio da Reitoria Rod. D. Pedro I, km 136. Pq. das Universidades Campinas – SP / CEP: 13086-900 Brasil. E-mail: thaisilvarte@gmail.com

**Resumo:** Este artigo busca refletir sobre a importância da apropriação da tecnologia audiovisual por indígenas brasileiros dentro do coletivo Vídeo nas Aldeias, como forma de fortalecer a memória dos povos tradicionais, assim como dar visibilidade ao movimento indígena. “Brasil dos índios: um arquivo aberto” A instalação que parte da 32ª Bienal de São Paulo assume uma forma que fortalece e reafirma o protagonismo nativo, assim como se posiciona contra a exotização da imagem do indígena na sociedade do espetáculo.

**Palavras chave:** Vídeo nas aldeias / Imagem / 32º Bienal São Paulo.

**Abstract:** *This paper aims to consider about the relevance of the audiovisual technology appropriation by brazilian indigenous people within the collective Vídeo nas Aldeias, as a way to make stronger the memory of the traditional people, as well as give visibility to the indigenous movement. The art installation “Brasil dos índios: um arquivo aberto”, part of the 32th Bienal of São Paulo assumes a shape that strengthens and reaffirms the native protagonism, as well as takes a position against the exotization of the indigenous picture inside the society of the spectacle.*  
**Keywords:** *Vídeo nas aldeias / Image / 32º Bienal São Paulo.*

## Introdução

Desde a chegada dos colonizadores no território brasileiro, a imagem dos nativos vem sendo criada e recriada à revelia de seus próprios costumes e expropriada por interesses mercadológicos internos. Os estereótipos e preconceitos culturais sustentados ao longo desses mais de 500 anos negam o acolhimento do indígena que chega na contemporaneidade sob os efeitos da colonização. Uma delas é a idealização de sua imagem, vista em uma fotografia da Amazônia, na literatura de José de Alencar, a partir do protótipo xinguano e do “*bom selvagem*” de Rousseau, que segundo Leopoldi (2002) influencia até hoje o modo de ver/estudar as populações indígenas no passado e no presente.

Essas generalizações e mitos deixam de considerar a sua realidade atual, composta por uma multiplicidade que abarca inevitáveis transformações, necessidades e bi-culturalismos. No Brasil, atualmente existem mais de 300 povos falantes de 200 línguas diferentes além do português. São mais de 800 mil indígenas espalhados pelo país em diferentes situações de subsistência, memória e resistência. Parafraçando o título da 32<sup>o</sup> Bienal de São Paulo, a situação indígena atual está carregada de *Incerteza viva*. Incerteza sobre a demarcação de suas terras, a perpetuação de sua língua materna e sua identidade, seus ritos e costumes, sobre a permanência de suas florestas, assim como a garantia de seus direitos em contexto urbano.

O genocídio desses povos tradicionais vem acontecendo ainda hoje, provocado pelo poder e violência da bancada ruralista na luta pela demarcação de suas terras, pelo descaso da mídia que exotiza e silencia suas reivindicações, bem como do estado brasileiro, que parece ignorar a sua existência, assim como os seus diversos graus de necessidades, o que pode ser caracterizado como forma de etnocídio.

São inúmeras as questões que poderíamos citar neste artigo, mas a proposta não é necessariamente essa, apesar de precisar de seus dados para perceber o protagonismo que líderes indígenas visionários estão conquistando com o uso da tecnologia audiovisual trazida pelo coletivo Vídeo nas Aldeias (Figura 1). O coletivo vem cumprindo um papel essencial diante da necessidade da construção e produção da imagem indígena, pelo próprio indígena e a partir de suas próprias escolhas.

Enquanto na sociedade que vivemos a imagem ditada pela ideia de espetáculo cumpre uma função de alienação, apagamento e mercantilização (Debor, 1967), as produções realizadas pelos nativos seguem em sua contramão, utilizando seus recursos para recuperar, moldar e transformar a sua própria imagem, em um movimento de resistência, que carrega de historicidade o que a sociedade do espetáculo teima em apagar.

## 1. Vídeo nas Aldeias

O projeto VNA foi idealizado pelo indigenista Vincent Carelli em 1986. Surgiu dentro das atividades da ONG Centro de Trabalho Indigenista, quando Vincent experienciou filmar os Nambiquaras e depois deixá-los assistir a si mesmos. Essa relação de troca gerou uma mobilização e experiência coletiva, vistas pelo indigenista como forma de contribuir para um maior protagonismo e autonomia dos indígenas.

*Quando esses povos obtêm informações sobre a existência de outros povos indígenas, quando percebem que todos experimentam as mesmas dificuldades no convívio com os "brancos", quando se sentem, então, muito mais numerosos, eles captam a dimensão da posição de "índio" que lhes reservamos.*

*Aprendem uns com os outros novas formas de interação com a sociedade nacional, constroem alternativas próprias que experimentam primeiro internamente, mas que também estão interessados em divulgar. São novas modalidades de representação que envolvem a reconstrução de sua auto-imagem, um processo seletivo de peculiaridades culturais, que cada povo realiza em função de sua experiência e de seus interesses de contato.*

*Os povos indígenas se fortalecem em situações de comunicação, nas quais as situações particulares fazem sentido e quando eles podem manifestar respostas culturalmente adequadas. O formato de suas culturas depende, efetivamente, de uma dinâmica de recriação permanente de diferenças, que assumem como afirmação política e que tem muito a ganhar no acesso aos meios de comunicação (Gallois e Carelli, 1995:26-31)*

No ano 2000 o projeto se constituiu como ONG independente e passa a trabalhar com comunidades interessadas em trocar experiências com outros povos (Figura 2) “assim como na revisão de sua imagem e representação junto à sociedade brasileira e internacional” (Gallois & Carelli 1995).

Hoje, o projeto *Vídeo nas Aldeias* é uma referência na área e conta com um importante acervo de imagens dos povos indígenas no Brasil, tendo produzido mais de 70 filmes. O coletivo atua principalmente na formação de qualidade dos cineastas indígenas assim como na produção e divulgação dos vídeos em escolas, universidades e festivais nacionais e internacionais. Sua área de atuação se espalha por todo território brasileiro onde há comunidades indígenas interessadas no projeto.

**1.1. O Brasil dos índios: um arquivo aberto na 32° Bienal de São Paulo**  
A 32° Bienal de São Paulo chegou em 2016 com a curadoria do crítico Jochen Volz (1971, Braunschweig, Alemanha) trazendo em seu projeto curatorial a *Incerteza Viva*. Nesse tema abrangente que assola os aspectos sociais, públicos e políticos da nossa vida, ele nos instiga a refletir sobre as condições contemporâneas no



**Figura 1** · Reprodução/ Vídeo nas Aldeias. Fonte: [www.3.bp.blogspot.com/-9orcAKcAaX8/UUOQMucKcFkl/AAAAAAAAAZM/Q5JMfktkfAc/s1600/video+nas+aldeias.jpg](http://www.3.bp.blogspot.com/-9orcAKcAaX8/UUOQMucKcFkl/AAAAAAAAAZM/Q5JMfktkfAc/s1600/video+nas+aldeias.jpg)

**Figura 2** · Reprodução/ Projeção de vídeo na aldeia Panara de Nasipotiti, Mato Grosso. Foto: Vincent Carelli. fonte: [www.saopaulosao.com.br/images/bienal\\_projecao.jpg](http://www.saopaulosao.com.br/images/bienal_projecao.jpg)

que diz respeito à vida em contexto da incerteza, “consciente de que vivemos imersos em um ambiente por ela regido” (Volz, 2016). Assim, dentre os 81 convidados, o Vídeo nas Aldeias, que completa 30 anos de trajetória, traz para a bienal um panorama histórico das produções realizadas por povos indígenas entre eles Xavante, Guarani Kaiowá, Fulni-ô, Gavião, Krahô, Maxakali, Yanomami e Kayapó, como pode ser visto no folheto de divulgação (2016) da exposição, contendo

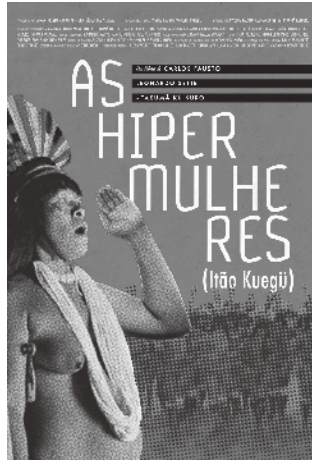
*Uma série de imagens, cedidas por colaboradores, indígenas e não indígenas, entre cineastas, militantes e artistas que produziram arquivos preciosos de fatos políticos relevantes e dos movimentos de insurgência e mobilização indígena atuais (...) um recorte composto por 85 fragmentos de 27 povos indígenas, com imagens filmadas entre os anos de 1911 e 2016, no Brasil.*

A proposta de instalação montada em três grandes telas simultâneas é “O Brasil dos índios: Um arquivo aberto” que nas palavras de Vincent Carelli (2016) traz “um quadro complexo dessa realidade contemporânea dos índios brasileiros” arquivos de imagem que vão desde os “índios do primeiro contato, a intimidade de cerimoniais na aldeia, conflitos com governo e com os exploradores da Amazônia”.

Na instalação, podemos identificar as diversas formas de produção feitas pelos realizadores, em especial os que passam pela manutenção de uma memória em um processo de resgate, como no filme *As hipermulheres* (Figura 3) que aborda o ritual feminino Jamurikumalu no Alto Xingu (MT), que não era realizado a mais de 20 anos na aldeia Kuikuru. O ritual é retomado e registrado quando se percebe que os cantos primordiais para a sua realização sobrevivem no conhecimento de uma única mulher indígena. O vídeo aparece novamente como instrumento que evoca e possibilita esse processo de retomada, trata-se não apenas de um processo de preservação da memória, mas de seu resgate e reativação.

A beleza dos rituais indígenas e da intimidade nas aldeias como é o caso do filme *Cheiro de Pequi (Imbé Gikegüna)* dos diretores indígenas Takumã e Maricá Kuikuro, que mostra a festa do Hugagü, no qual, de forma descontraída, “os homens esculpem vaginas em madeira a fim de provocar as mulheres, que reagem alegremente.” Mas entre olhar uma tela por vez ou todas, nosso olhar inevitavelmente percebe o contraste da intimidade que nos aproxima do indígena e desmantela nosso olhar exotizado para ir de frente com a violência, de invasões e intervenções militares presente em vários dos fragmentos, entre eles o filme *Vamos à luta* (2002) do realizador indígena Divino Tserewahu (xavante), com registro da reserva Raposa Serra do Sol.

Aos que desconhecem as questões indígenas, é preciso se demorar para que as imagens, tão diversas e tão próximas entre si, comecem a fazer sentido



**Figura 3** · Folheto divulgação. filme “As Hipermulheres (Itão Kuegü)”.  
Carlos Fausto, leonardo Sette e Takumã Kuikuro, 2011.

Fonte: [www.videonasaldeias.org.br/admin/gui/files\\_upload/noticias/1314265905.jpg](http://www.videonasaldeias.org.br/admin/gui/files_upload/noticias/1314265905.jpg)

**Figura 4** · Zezinho Yube, diretor indígena do curta Ma Ê Dami Xina – Já me transformei em imagem, 2008. Em evento no Berlimale 2015.

Fonte: [www.berlinale.de/media/bilder/2015/boulevard\\_2015/06\\_02\\_2015/060215\\_AK\\_0003\\_IMG\\_FIX\\_1200x800.jpg](http://www.berlinale.de/media/bilder/2015/boulevard_2015/06_02_2015/060215_AK_0003_IMG_FIX_1200x800.jpg)

dentro do imaginário que costumamos colocá-los. O filme possui o recurso de dismantlar as falsas impressões que repetimos sobre a imagem dos indígenas, num senso comum, exotizada e negatizada.

As produções feitas por esses realizadores indígenas subvertem a memória nacional, a história passa a ser contada a partir de suas próprias experiências em vias de desconstruir essa falsa impressão que a sociedade ocidental insiste em manter.

### Conclusão

O título deste artigo vem da produção de um curta *Já me transformei em imagem / Ma é Dami Xima*, (2008) com direção do realizador indígena Zezinho Yube, um Huni kui (Kaxinawá) do Acre no norte brasileiro. O curta (Figura 4) responde de forma objetiva à necessidade do recurso do vídeo como forma de perpetuar o conhecimento ancestral, fragmentado pela dispersão, pelo contato e pelas transformações que cada nova geração de índios é exposta.

Sabemos que na sociedade do espetáculo a imagem representa visibilidade: sem ela, assim como sem um registro civil, desaparecemos. Para o indígena o uso dessas ferramentas vem promovendo na sociedade uma aproximação particular com o outro, que ao se fazer ver, tenta garantir o ouvir e o existir além do imaginário do mundo.

Nesse sentido, podemos ressaltar a importância do coletivo vídeo nas aldeias neste processo de desconstrução do nosso olhar por meio de produções que surgem dentro dos anseios do próprio indígena. Se antes era preciso um deslocamento geográfico para compreender a existência múltipla e diversa dos índios, hoje esse deslocamento se dá em uma visita na página do coletivo na internet, assim como na instalação *O Brasil dos índios: um arquivo aberto* proposto para a 32º bienal.

### Referências

- Carelli, Vicent; Gallois, Dominique. (1995) "Índios eletrônicos: a rede indígena de comunicação". Sexta-feira. São Paulo, v.2, p.26-31, 1998. [Consult. 2017-01-11] Disponível em URL: [www.anthropologia.com.br/tribo/sextafeira/pdf/num2/indio\\_elet.pdf](http://www.anthropologia.com.br/tribo/sextafeira/pdf/num2/indio_elet.pdf)
- O Brasil dos índios: um arquivo aberto. Publicação Fundação Bienal de São Paulo, 32a Bienal de São Paulo – Incerteza Viva. 2016. Disponível em URL: [www.issuu.com/bienal/docs/folhetovnbienal\\_final\\_web/3?e=0/39729546](http://www.issuu.com/bienal/docs/folhetovnbienal_final_web/3?e=0/39729546)
- Vídeo nas Aldeias. Apresentação. 2016. [www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1](http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1) [Consult. 2017-01-11]
- TedxAmazônia. Putting cameras in the hands of people without voices: Carelli. 2011 Disponível em URL: [www.youtube.com/watch?v=q\\_eU6qhLOXY](http://www.youtube.com/watch?v=q_eU6qhLOXY) [Consult. 2017-01-11]